

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

THAÍS FIGUEIREDO DE MELO LUCENA

A AUTOGRATIFICAÇÃO SEXUAL NA INFÂNCIA:
UM DESAFIO PARA PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

JOÃO PESSOA
2018

THAIS FIGUEIREDO DE MELO LUCENA

A AUTOGRATIFICAÇÃO SEXUAL NA INFÂNCIA:
UM DESAFIO PARA PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de conclusão de curso apresentado
ao curso de Pedagogia como requisito
parcial para a obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia, sob a orientação
do Prof. Dr. Carlos Eduardo Rebuá Oliveira.

JOÃO PESSOA
2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M528a Melo, Thais Figueiredo de.

A Autogratificação Sexual na Infância: Um desafio para
Professoras da Educação Infantil / Thais Figueiredo de
Melo. - João Pessoa, 2018.

43 f.

Orientação: Carlos Eduardo Rebuá Oliveira.
Monografia (Graduação) - UFPB/Educação.

1. Sexualidade Infantil; auto-gratificação; educação.
I. Oliveira, Carlos Eduardo Rebuá. II. Título.

UFPB/BC

THAÍS FIGUEIREDO DE MELO LUCENA

A AUTOGRATIFICAÇÃO SEXUAL NA INFÂNCIA:
UM DESAFIO PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Banca de Defesa de Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia

Carlos Eduardo Rebuá Oliveira

Prof. Dr. Carlos Eduardo Rebuá
(Orientador)

Jeane Félix da Silva

Prof.ª Dr.ª Jeane Félix Silva
Examinadora

Nadia Jane de Sousa

Prof.ª Dr.ª Nadia Jane de Sousa
Examinadora

Data: 08/11/2018

Nota: 9,0 (nove)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a minha família, em especial meu marido e meus filhos, pelo apoio e compreensão sobre a importância desse projeto em minha vida, como também, pelas vezes em que fraquejei e que estiveram comigo para me amparar, enxugando minhas lágrimas e me encorajando a seguir em frente. Aos meus amigos de outrora, época em que iniciei minha formação em Amargosa na Bahia. Aos amigos que estudaram comigo e me ajudaram tanto nesse início de formação. Às minhas queridas e nobres professoras e aos queridos e nobres e professores com quem tive a honra de aprender tanto com cada ensinamento transmitido por eles. E um agradecimento em especial ao meu orientador, o Professor Doutor Carlos Eduardo Rebuá, que segurou na minha mão e disse: “Sigamos!”, no momento em que mais precisei durante todo o curso de formação. Muito obrigada pela paciência, apoio, entusiasmo e dedicação a todo momento com a pesquisa! A todos muito obrigada pelos momentos vivenciados, trocas de conhecimentos e de experiências compartilhadas.

“Não posso garantir a completude de meus
resultados, apenas o cuidado com que me
envolvi para obtê-los”
Sigmund Freud,
Sobre Teorias Sexuais Infantis (1908)

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo investigar a questão da auto-satisfação sexual na infância e sua repercussão no contexto da Educação Infantil. Tal tema será tratado na perspectiva das seguintes questões: Como entender a atitude ocasional das crianças que desenvolvem comportamentos de auto-satisfação sexual em contexto escolar? De que maneira as professoras compreendem e reagem a estas situações? Como a universidade trata sobre as questões ligadas à sexualidade infantil no curso de Pedagogia? A solução para tais problemas será encaminhada levando em conta os seguintes: primeiro procura-se entender o comportamento de auto-satisfação do prazer sexual na infância à luz dos trabalhos psicanalíticos de Sigmund Freud, como ponto de partida e outros autores como Anna Freud, Donald Woods Winnicott, que desenvolveram e aprofundaram essa temática; em seguida, discute-se a relação entre sexualidade infantil e o processo educativo no contexto escolar e seus desafios; finalmente, levando em conta uma análise inicial e sucinta de casos concretos, aponta-se para as dificuldades enfrentadas pelas professoras no acompanhamento com as crianças em contexto escolar, verificando também a possibilidade de indicar caminhos no procedimento pedagógico de acompanhamentos dessas situações na escola; por fim procuraremos explicitar como está sendo trabalhada essa temática no curso de formação de professores da UFPB, verificando em que medida eles apresentam limites para uma formação mais concreta para os problemas encontrados na escola. A pesquisa foi desenvolvida através da leitura de trabalhos clássicos da psicanálise e de uma bibliografia mais recente que discute a questão da sexualidade e da educação sexual na escola.

Palavras-chave: Sexualidade infantil; auto-gratificação; educação sexual; educação infantil.

ABSTRACT

The present research aims to investigate the issue of sexual self-satisfaction in childhood and its repercussion in the context of Early Childhood Education. This topic will be addressed in the perspective of the following questions: How to understand the occasional attitude of children who develop sexual self-satisfaction behaviors in a school context? How do teachers understand and respond to these situations? How does the university address issues related to child sexuality in the teacher training course? The solution to such problems will be guided by the following: first, we try to understand the self-satisfaction behavior of sexual pleasure in childhood in the light of Sigmund Freud's psychoanalytic work as a starting point and other authors such as Anna Freud, Donald Woods Winnicott, who developed and deepened this theme; then, it must discuss the relationship between child sexuality and the educational process in the school context and its challenges; finally, taking into account an initial and succinct analysis of concrete cases, it is pointed out to the difficulties faced by the teachers in the accompaniment with the children in school context, also verifying the possibility of indicating adequate ways in the pedagogical procedure of accompaniments of these situations in the school; Finally, we will try to explain how this theme is being worked out in teacher training courses, verifying to what extent they present limits to a more concrete formation for the problems found in the school. The research will be developed through the reading of classical works of psychoanalysis and a more recent bibliography that discusses the issue of sexuality and sex education in school.

Keywords: Child sexuality; self-gratification; sex education; early childhood education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. A SEXUALIDADE INFANTIL: SEU DESENVOLVIMENTO E O PROBLEMA DA AUTO-GRATIFICAÇÃO SEXUAL NA INFÂNCIA À LUZ DA PSICANÁLISE.....	15
2. A RELAÇÃO ENTRE SEXUALIDADE INFANTIL E O PROCESSO EDUCATIVO NO CONTEXTO ESCOLAR E SEUS DESAFIOS.....	22
3. AS DIFICULDADES DOS PROFESSORES NO ACOMPANHAMENTO DE ATITUDES LIGADAS À SEXUALIDADE INFANTIL NA ESCOLA E O PAPEL DOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	44

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa investigar a questão da autogratificação¹ sexual na infância e sua repercussão no contexto da Educação Infantil.

Algumas observações feitas por mim, durante o período de estágio, no contexto escolar de crianças que se tocavam e se estimulavam sexualmente, motivaram esse estudo. Tais observações foram colhidas a partir de casos observados em alguns momentos do processo formativo desenvolvido na graduação: durante a participação como bolsista no Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID), no ano de 2014; nos períodos de estágio nos Centros de Referências em Educação Infantil (CREI) no ano de 2014 em Amargosa-BA e em 2017 em João Pessoa-PB, bem como das observações freqüentes da experiência como auxiliar de sala da escola em que trabalho desde 2017 até então. Esse trabalho foi elaborado por meio de pesquisa bibliográfica, com o apoio de leituras feitas em obras de alguns autores que serviram como base para essa análise, como também, em artigos que tratam sobre essa temática. De fato, à pesquisa caberia um estudo de campo com entrevistas, questionários e observações mais específicas de professoras da educação infantil, bem como, outros membros de CREIS, porém o tempo para a realização desse trabalho foi exíguo, de modo que não se tornou possível incorporar esses elementos à pesquisa como seria desejável.

Apesar das inúmeras contribuições provindas do conhecimento psicológico e psicanalítico da sexualidade infantil, muitas professoras não se sentem e não se encontram de fato efetivamente preparados para lidar com essas situações na escola. A masturbação infantil, por exemplo, que é algo recorrente nessa fase é ainda encarada como um grande tabu, não só por parte dos professores como também pelos pais e mães e gestores escolares.

A sexualidade infantil ainda permanece um assunto difícil de ser trabalhado na escola. Mesmo com os inúmeros casos de manipulações e reconhecimentos por parte das crianças, do seu corpo e do corpo do outro existente dentro da sala de aula, a escola

¹ Entendemos por autogratificação sexual infantil a manifestação de atos pelos quais a criança busca uma satisfação de determinadas pulsões ligadas às zonas erógenas, na fase que foi designada por Freud de *eflorescência* da sexualidade infantil (cf. FREUD, 1972, p. 182), que se dá entre 3 e 5 anos de vida, antes que o desenvolvimento sexual infantil entre em seu período de *latência*, que dura até a *puberdade*. A masturbação infantil, que frequentemente ocorre nessa fase, é, por exemplo, uma das manifestações de autogratificação sexual mais visíveis na escola. Ashley Montagu a define justamente como “autogratificação pela estimulação da pele” (MONTAGU, 1988, 213).

tem por escolha não enxergar como questões ligadas ao desenvolvimento sexual das crianças que já começa desde cedo. É possível observar vários casos de satisfação desses impulsos, como por exemplo, quando a criança fica sentada no chão com as pernas em W e fica friccionando a púbis até ficar suada de tanto se contorcer ². Como outro exemplo, podemos citar uma criança que fica na porta do banheiro olhando para os órgãos genitais de outra criança quando está urinando. Outra situação é da criança que faz carinhos em outra criança de forma a encostar seu rosto no dela quase num encontro de lábios. Muitas vezes, isso ocorre, também, com crianças do mesmo sexo. Como um professor se comporta diante dessas situações? Muitas vezes a reação é de espanto, repreensão, interdição e incompreensão. Dificilmente entendem tais comportamentos como uma coisa inata do processo de desenvolvimento da sexualidade infantil. Geralmente interpretam tais comportamentos como anormais para a idade, e imaginam que se as crianças se comportam assim é que de algum modo estão sendo influenciadas seja pelos pais e mães, seja pelos meios de comunicação ou qualquer outro adulto.

Podemos verificar que nem sempre os cursos de formação de professores apresentam elementos suficientes para a compreensão de tais fenômenos na escola. Se, por um lado, a abordagem teórica a respeito da sexualidade infantil é pouco estudada, por outro lado dificilmente se discute como intervir em tais casos. Pois, mesmo nesses espaços a criança só é vista como alguém em processo de alfabetização e letramento. Geralmente esquece-se que a criança encontra-se nessa fase marcada por vários outros elementos de caráter afetivo e emocional, que interferem diretamente em seu processo de aprendizagem e seu comportamento na escola.

Vemos que a teoria psicanalítica forneceu no século XX um contributo importante para tratar dessas questões, no que se refere a pensar na sexualidade infantil na construção de seu desenvolvimento. Porém, mesmo que esse estudo venha sendo desenvolvido a tantos anos, a Pedagogia ainda não se apropriou de maneira suficiente desses instrumentos de análise, a ponto de desenvolver métodos de intervenção adequados. Além disso, a escola ainda está muito presa à visão tradicional da sociedade, relacionada a esse assunto, marcada fortemente por um certo moralismo religioso, preconceitos e tabus, que geram um certo pudor no que diz respeito a educação sexual. Por isso, neste trabalho pretende-se fazer um estudo cuidadoso da concepção

² Foram observados dois casos como esse, tanto na creche no estágio, como também na escola em que trabalho.

psicanalítica da sexualidade infantil, com vistas a encontrar meios de intervenção pedagógica, que sejam menos repressores e mais adequados às necessidades da criança.

Não é comum tratar desse assunto, apesar de haver vários estudos atualmente sobre a temática. Mesmo cem anos depois dos estudos psicanalíticos a respeito da sexualidade na infância, tratar desse tema na escola a partir de casos específicos ainda é um desafio para muitas professoras da educação infantil atual no Brasil. Isso porque, para o imaginário social, a criança ainda não deveria despertar qualquer manifestação de prazer, que seriam próprios da adolescência e da vida adulta. Para a mentalidade comum, a criança não reconhece seu corpo como puro objeto de prazer.

Há, contudo, diversos comportamentos infantis que sinalizam o despertar de uma auto-satisfação do impulso sexual na infância. Dentre vários desses comportamentos, podemos citar os seguintes: o acarinamento especial de uma criança por outra; a curiosidade despertada de uma criança pelos órgãos genitais de outra, a masturbação infantil como um caso específico de gratificação sexual, quando percebem a oportunidade de estarem nus uns diante dos outros; o despertar da afeição exclusiva por determinada criança, demonstrada por afago e carícias; e, de maneira ainda mais contundente, a manipulação dos órgãos genitais, tanto por parte das meninas quanto dos meninos. Todos esses comportamentos deixam os professores perplexos (Cf. MAIA e SPAZIANI, 2010 e COSTA e VENÂNCIO, 2015).

Nem sempre as professoras da educação infantil sabem como se confrontar com essas atitudes da criança ligadas à sexualidade. E, por falta de um conhecimento mais aprofundado, por conta do senso comum e dos padrões sociais dominantes, eles acabam reproduzindo mecanismos de repressão como função educadora. Muitos professores têm uma base religiosa e, por consequência, cheia de olhares “pré-conceituosos”. Como também, estão plenos de resquícios de uma educação tradicional e cheia de pudores. Sendo assim, a grande inquietação por parte das professoras é simplesmente detectar, que todos os comportamentos da sexualidade apresentados pelas crianças surgem porque elas estão sendo induzidas ou estimuladas por algum adulto, nesse caso, os mais próximos, os pais ³.

³Recentemente, por exemplo, tive a oportunidade de ouvir de uma professora ao presenciar uma criança se masturbando, a seguinte frase: “Olha, a safada, já está fazendo isso de novo. Isso ela tá vendo em casa, coisa de menino que vive na cama dos pais”. O texto de Maia e Spazianitrás um relato de uma professora que demonstra essa tendência a induzir que a criança está sob a influência de algum fator externo: “Elas [as meninas] ficam tirando a roupa das Barbies e os meninos querem brincar de carrinho, de luta com os bonecos, elas não. E assim, eu percebi que elas tiram as roupas das bonecas e colocam em cima mesmo!

Por isso, esta pesquisa pretende compreender esses diversos aspectos do comportamento infantil, ligados à sexualidade. Para tanto, tomamos por base especialmente os fundamentos estabelecidos pelo pensamento psicanalítico a respeito da sexualidade da criança. Com isso, buscamos oferecer aportes necessários para a compreensão desse fenômeno e a busca de um melhor modo de orientá-lo.

Desse modo, a problemática do trabalho envolve a colocação das seguintes questões: Como entender a atitude ocasional das crianças que desenvolvem comportamentos de auto-satisfação sexual em contexto escolar? De que maneira as professoras da educação infantil, compreendem e reagem a estas situações? Como a universidade trata sobre as questões ligadas à sexualidade infantil no curso de formação de professores?

Para solucioná-las, foi necessário percorrer o seguinte caminho: primeiro é preciso entender como se dá o desenvolvimento da sexualidade infantil, especialmente nos anos iniciais da pré-escola, tendo maior atenção ao fenômeno da auto-gratificação sexual que ocorre entre 2 e 5 anos de idade. Para tanto, foi feito um estudo dessa fase do desenvolvimento infantil a partir de estudos de Sigmund Freud, Anna Freud, Simone de Beauvoir, Donald Woods Winnicott, entre outros. Em seguida, a pesquisa pretende discutir a relação entre sexualidade infantil no contexto escolar e de que forma os professores compreendem essa realidade tão presente nesses espaços. Para tanto, torna-se importante tomar como base trabalhos recentes desenvolvidos sobre essa temática, tais como *A concepção freudiana da sexualidade infantil*, de Veridiana Canezin Guimarães (2012), *A sexualidade no ambiente escolar: a visão dos professores de educação infantil*, de Cibele Pavani Rodrigues e Amanda MugliaWechsler (RODRIGUES & WECHSLER, 2014), *Investigando a sexualidade infantil a partir do relato de educadores*, de Elis Regina Costa e Claudiane Venâncio (COSTA & VENÂNCIO, 2015), *Manifestações da sexualidade infantil: percepção de pais e professoras de 0 a 6 anos*, de Ana Cláudia Bortolozzi Maia e Raquel Baptista Spaziani (MAIA & SPAZIANI, 2010), *Sexualidade Infantil: uma investigação acerca da concepção das educadoras de uma creche universitária sobre educação sexual*, de Eliane Rose Maio Braga (2002), *Uma experiência de educação sexual na pré-escola*, de Débora Delbosco Dell' Aglio e Aida Cássia Leal Garcia (DEL'AGLIO & GARCIA, 1997), *A educação sexual na escola e a pedagogia da infância*, de Giseli Monteiro

Então, não sei se viram, se assistem coisas, que novela ta demais também”(MAIA e SPAZIANI, 2010,p. 76)

Gagliotto (2014), dentre outros. Por fim, a pesquisa pretende apontar as dificuldades apresentadas pelos professores no acompanhamento dessas atitudes encontradas no âmbito escolar, e como os cursos de formação de professores têm contribuído para instruir os docentes sobre o esse assunto.

1. A SEXUALIDADE INFANTIL: SEU DESENVOLVIMENTO E O PROBLEMA DA AUTOGRATIFICAÇÃO SEXUAL NA INFÂNCIA À LUZ DA PSICANÁLISE

Quando já no final do século XIX a sexualidade humana em geral começava com Freud a ganhar relevância no meio acadêmico e psiquiátrico, a partir de sua compreensão de que muitos problemas neuróticos no adulto estão ligados à repressão sexual, a fala a respeito desse assunto gerava muita controvérsia e tabu entre as pessoas. E se isso já era compreendido assim na análise da sexualidade no adulto, imagine o que não se podia pensar ao se cogitar que já mesmo na infância a sexualidade exerce um papel decisivo no desenvolvimento da criança. Pode-se mesmo dizer que o próprio Freud foi um dos primeiros a se dar conta de que não somente entre as pessoas comuns, mas os próprios cientistas permaneceram cegos para a análise do comportamento sexual da criança, cuja mínima manifestação era sempre, em geral, considerada uma perversão.

Freud considerou de uma maneira sistemática esse assunto em seu tratado *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (cf. FREUD, 1972, p. 121-252), publicado pela primeira vez em 1905. Nesse tratado, o problema que interessa a essa pesquisa é justamente discutido no segundo ensaio, intitulado “A Sexualidade Infantil”⁴. Nele, Freud assinala que a ideia popular de que o instinto sexual é um fenômeno inexistente na infância é um equívoco que não só acarreta graves consequências para as crianças, como também impede que os cientistas conheçam melhor o desenvolvimento da sexualidade humana (cf. FREUD, 1972, p. 177). Ele assegura que:

É verdade que na literatura sobre o assunto ocasionalmente se encontram observações sobre atividade sexual precoce em crianças pequenas – sobre ereções, masturbações e mesmo atividades que se assemelham ao coito. Mas estas são sempre citadas apenas como ocorrências excepcionais, como extravagâncias ou como casos horripilantes de depravação precoce. (FREUD, 1972, p. 177)

Poderíamos imaginar que tudo isto acontece em função de estarmos a uma distância de mais de cem anos da época atual, e que, se isso ocorria há tanto tempo, não é, porém, o caso hoje. Talvez, de fato, os estudos psicanalíticos e de outros pesquisadores ligados a distintas áreas do conhecimento, desenvolvidos no último século, tenham superado este tabu. Mas a revelação da sexualidade da criança na escola,

⁴ O Tratado de Freud *Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade* é dividido em três partes: a primeira tem como título “As Aberrações Sexuais”; a segunda denomina-se “A Sexualidade Infantil”; e a terceira é intitulada “As Transformações da Puberdade” (cf. FREUD, 1972, p. 135.177.213).

em casa e em vários outros lugares que ela frequenta e o modo pedagógico de orientá-la e conduzi-la permanece ainda um enigma e um mistério envolvido em muitos subterfúgios e tabus.

À época de Freud, e, ainda, segundo ele, geralmente, “nos escritos [...] sobre o desenvolvimento das crianças, o capítulo sobre ‘Desenvolvimento Sexual’ é, via de regra, omitido” (FREUD, 1972, p. 178). Freud assegura que de todos os relatos que leu sobre a psicologia da vida infantil, “em nenhum [...] pode-se encontrar um capítulo sobre a vida erótica das crianças” (FREUD, 1972, p. 178, n. 1), à exceção do trabalho de Stanley Hall (1904) e outro de Hugh-Hellmuth (1913), enfatizando que este último “levou integralmente em conta o fator sexual desprezado” (FREUD, 1972, p. 178, n. 1). A respeito de si mesmo, diz Freud:

Já em 1896 eu insistia na importância dos anos da infância na origem de certos fenômenos importantes ligados à vida sexual, e desde então nunca deixei de dar ênfase ao papel desempenhado na sexualidade pelo fator infantil. (FREUD, 1972, p. 180)

Mas Freud assegura que, ao que parece, “a vida sexual das crianças usualmente surge numa forma acessível à observação por volta do terceiro ou quarto ano de vida” (FREUD, 1972, p. 181). De acordo com Freud, se, por um lado, “o ‘primeiro ápice’ no desenvolvimento do órgão sexual ocorre durante o período intrauterino primitivo”, por outro lado, “a primeira eflorescência da vida sexual infantil deve ser atribuída ao terceiro e quarto anos de vida” (FREUD, 1972, p. 182, n. 2). Freud indica que a masturbação surge muitas vezes neste período de florescimento, quando as crianças passam pelo caminho que vai “do ato de sugar para a masturbação” (FREUD, 1972, p. 185). Ele afirma que é justamente após este período de eflorescência que surgem as inibições sexuais, as quais assumem um caráter repressor:

É durante este período de latência total ou apenas parcial que se constroem as forças psíquicas que irão mais tarde impedir o curso do instinto sexual e, como barreiras, restringir seu fluxo – a repugnância, os sentimentos de vergonha e as exigências dos ideais estéticos e morais. Tem-se das crianças civilizadas uma impressão de que a construção dessas barreiras é um produto da educação, e sem dúvida a educação muito tem a ver com ela. (FREUD, 1972, p. 181)

O curioso é que hoje já se tem, ao que parece, uma consciência geral de que não se deve reprimir. Contudo, ainda não se sabe em relação às crianças como conduzir a educação dessas experiências emergentes da infância, sem reprimir nem simplesmente permitir de qualquer modo, ou estimular. Daí o papel preponderante da Pedagogia e da análise pedagógica, que surge da constatação e do estudo desses casos. Torna-se ao

mesmo tempo evidente a importância da análise teórica da psicanálise freudiana sobre esse assunto.

De acordo com Freud, esse processo de inibição “pode ocasionalmente ocorrer sem qualquer auxílio da educação” (FREUD, 1972, p. 181). E afirma que “a educação não estará indo além de seu domínio apropriado se ela se limita a seguir as linhas que já foram traçadas organicamente e a imprimi-las um pouco mais clara e mais profundamente” (FREUD, 1972, p. 181). Contudo, ele assegura que:

Na medida em que os educadores prestam alguma atenção à sexualidade infantil, eles se comportam exatamente como se partilhassem nossos pontos de vista quanto à construção das forças defensivas morais à custa da sexualidade, e como se soubessem que a atividade sexual torna uma criança ineducável, pois eles estigmatizam toda manifestação sexual da criança como um ‘vício’, sem poderem fazer muito a respeito. (FREUD, 1972, p. 183-184)

Se esta é a atitude tomada pelos educadores, Freud considera, porém, que a psicanálise há de justamente prestar atenção nestes “fenômenos que são tão temidos pela educação” (FREUD, 1972, p. 184), uma vez que, segundo ele, pode-se esperar que tais fenômenos “ajudem a descobrir a configuração original dos instintos sexuais” (FREUD, 1972, p. 184).

Orientados pelos estudos psicanalíticos, pode-se, porém, esperar outro tipo de atitude por parte dos educadores?

Anna Freud, em seu livro, *Psicanálise para pedagogos*, publicado pela primeira vez em 1935, crê nesta possibilidade, e entende o desacerto que existe entre o comportamento infantil ligado à sexualidade e a perplexidade tendente à inibição por parte dos pais e professores diante de tais fatos. Como ela diz: “a educação luta com o modo de ser da criança ou – como o adulto habitualmente lhe chama – com os maus costumes infantis” (A. FREUD, 1973, p. 28). Na perspectiva do adulto, pais ou professores, tal como assinala Anna Freud, a criança “entrega-se [...] a uma série de costumes feios: chupa nos dedos, rói as unhas, mete os dedos no nariz, brinca com os órgãos sexuais” (A. FREUD, 1973, p. 28). Mas dessa forma a educação está longe de tratar a criança com objetividade.

A educação encontra-se face à observação das crianças, desde há centenas de anos, como um professor severo que se aproxima com aborrecimento e indignação para o esclarecimento de qualquer coisa entre os seus alunos. Nunca lhe será possível esclarecer os fatos e chegar a conhecer a verdadeira relação dos acontecimentos, se não aprender a adiar cautelosamente a sua conclusão até ao fim da investigação. (A. FREUD, 1973, p. 29)

Terá mudado essa atitude contemporaneamente? Será que a escola e seu processo educativo está preparada para estabelecer um olhar mais objetivo sobre a criança, livre de preconceitos morais, e capaz de orientar tais comportamentos em função de sua melhor compreensão? Como pode a psicanálise ajudar nesse processo?

Apesar de, na prática, poder-se verificar que muito há ainda por ser feito, é certo que alguns trabalhos em torno da compreensão da sexualidade da criança e do comportamento e reação dos professores face o seu desenvolvimento na infância foram escritos. Contudo, a abordagem de alguns autores é ainda um tanto geral e mais voltada para o caráter de uma educação sexual na infância (cf. GAGLIOTTO, 2014) e na adolescência (cf. AQUINO, 1997). Tal abordagem visa propriamente preparar os professores para tratar do tema da sexualidade na escola (cf. AQUINO, 1997) e dos desafios atuais ligados à questão de gênero e de orientação sexual, no sentido de entender com naturalidade o processo de desenvolvimento da sexualidade e seus desdobramentos que necessitam de uma postura educativa sadia, isto é sem repressão abusiva, por parte do professor (cf. LOURO, 2016). É preciso, porém, concentrar a atenção no infante, especialmente naquele cuja idade se situa entre os 3 e 5 anos de vida⁵, nas manifestações de seu desenvolvimento sexual infantil e na reação dos professores frente a ele.

De acordo com Freud, ao tratar das manifestações sexuais infantis, o sugar ou chupar demonstram uma ânsia persistente de satisfação e sensação de relaxamento. “O chupar sensual envolve completa absorção e leva ou ao sono ou mesmo a uma reação motora de caráter de um orgasmo” (FREUD, 1972, p. 184). A criança ainda pequena, ao sugar o seio da mãe, está em busca de saciar sua fome; e ao chupar o dedo consegue se acalantar das frustrações da separação da sua nutrição; sobretudo, ela está buscando formas de satisfazer o seu deleite. Ao tratar do sugar o dedo como forma de satisfação, Freud conclui que essa ação faz parte das características das zonas erógenas,

O exemplo do sugar o polegar mostra-nos ainda mais a respeito do que constitui uma zona erógena. Ela é uma parte da pele ou da membrana mucosa em que os estímulos de determinada espécie evocam uma sensação de prazer possuidora de uma qualidade particular. (FREUD, 1972, p. 187-188)

⁵ De acordo com Freud, esse é o período de eflorescência da sexualidade infantil que merece a devida atenção, pois é justamente nessa fase que emerge aqueles comportamentos de auto-gratificação da criança, que sempre levam os professores a uma reação brusca e preconceituosa. De acordo com Freud, “a primeira eflorescência da vida sexual infantil deve ser atribuída ao terceiro e quarto anos de vida” (FREUD, 1972, p. 182). Segundo ele, por um lado, pareceria aos educadores “que os impulsos sexuais não podem ser utilizados durante estes anos de infância”; por outro lado, “estes impulsos pareceriam em si pervertidos” (FREUD, 1972, p. 183). Freud entende que “temos todo motivo para voltar nossa atenção para estes fenômenos que são tão temidos pela educação” (FREUD, 1972, p. 184).

Vê-se, desse modo, que, de acordo com as análises de Freud, a criança nesse momento individual de sugar está buscando sua autosatisfação, explorando uma zona erógena do seu corpo.

Ao se referir às manifestações sexuais masturbatórias, Freud considera, tal como a zona labial, a zona erógena anal, como ponto de satisfação sexual que apresenta uma forte concentração de excitações da sexualidade. E aponta que:

As crianças que utilizam a suscetibilidade à excitação erógena da zona anal se traem retendo as fezes até que seu acúmulo provoca violentas contrações musculares e, ao passarem pelo ânus, são capazes de produzir grande excitação da membrana mucosa. (FREUD, 1972, p. 191)

As sensações de satisfação e frustrações que as crianças vão descobrindo a partir das manifestações do seu corpo, remetem à organização das práticas masturbatórias ao sentirem as fezes saindo do ânus, como também, quando este está coçando.

Quanto às zonas genitais, Freud fala que são partes erógenas principais, que compõem o que no futuro será canal das excitações sexuais. “As atividades sexuais desta zona erógena, que forma parte dos órgãos sexuais propriamente ditos são o início do que se transforma mais tarde em vida sexual ‘normal’” (FREUD, 1972, p. 192). As crianças tomam essa parte do corpo como estimuladores de prazer. Muitas vezes os movimentos são repetitivamente compulsivos, na tentativa de alcançar um sentimento de relaxamento.

Freud estabelece a existência de três fases masturbatórias no desenvolvimento sexual da criança; ele descreve as “três fases da masturbação infantil” que “devem ser distinguidas” da seguinte forma:

A primeira delas pertence à infância e a segunda à rápida eflorescência da atividade sexual por volta do quarto ano de vida; somente a terceira fase corresponde à masturbação puberal, que é freqüentemente a única espécie levada em conta (FREUD, 1972, p. 193).

Nesta pesquisa, interessa-nos, justamente tratar da masturbação infantil que é a manifestação mais visível na escola, observada na segunda fase, uma vez que ela aparece justamente quando as crianças estão na idade entre 2 e 5 anos. De acordo com Freud: “Em algum ponto da infância após os primeiros anos, via de regra antes do quarto ano, o instinto sexual pertencente à zona genital usualmente revive e persiste novamente por algum tempo até ser uma vez mais suprimido, ou pode continuar sem interrupção” (FREUD, 1972, p. 194). Dessa forma, o mesmo aponta que esses instintos sexuais que aparecem nesse período da infância, podem dar continuidade até a

adolescência, ou pode acabar durante algum tempo devido às repressões dos adultos e voltar depois em outro tempo.

Uma das explicações para os casos observados de crianças que se interessam pelo órgão genital de seus pares é apresentada por Freud nos seguintes termos: “As criancinhas cuja atenção foi um dia despertada – via de regra pela masturbação – para seus próprios órgãos genitais, em geral dão o passo seguinte sem auxílio de fora e desenvolvem um vivo interesse pelos órgãos genitais de seus colegas de folguedo”(FREUD, 1972, p. 197-198). Verifica-se por essa explicação que a criança não necessita de forma absoluta, determinadora, como muitas vezes se pensa, da influência de adultos para desenvolverem tal atitude. Na verdade é a partir da sua própria experiência masturbatória e do prazer suscitado pela excitação de suas zonas erógenas que ela desperta o desejo e a curiosidade nos órgãos genitais de seus pares; desenvolvendo a escopofilia (gosto por olhar), tornam-se “ávidos espectadores da micção e da defecação” (Freud, 1972, p.198). Aqui, Freud chama a atenção para os riscos contidos no processo de repressão dessa atitude de *voyeurs* própria das crianças nessa fase:

Quando a repressão destas inclinações se instala, o desejo de ver os órgãos genitais de outras pessoas (de seu próprio sexo ou do sexo oposto) persiste como uma compulsão atormentadora, que em alguns casos de neurose proporciona mais tarde o elemento motivador de mais força para a formação de sintomas. (FREUD, 1972, p. 198).

Esta advertência de Freud deve chamar a atenção dos educadores quanto as suas ações diante dos fatos que ocorrem com as crianças dentro da sala de aula. De que forma o professor pode refletir sobre suas interferências nos casos de curiosidades desenvolvidos pelas crianças? Faz-se necessário que o professor tenha a capacidade de compreender os vários aspectos referentes ao desenvolvimento e comportamento da criança quanto a sua sexualidade, sobretudo para não cometer erros grotescos de reprimir esses instintos, que na visão de Freud é o grande gatilho para as doenças nervosas futuras. Tal capacidade do professor pode ser desenvolvida com base em um processo de formação continuada que lhe forneça elementos suficientes para uma compreensão adequada e cuidadosa do desenvolvimento da sexualidade infantil.

Vê-se, pelo que foi dito, que não se deve estranhar as atitudes próprias da sexualidade infantil, por ignorância ou tabu. De acordo com Freud, “a criança muito antes de alcançada a puberdade, já é capaz da maioria das operações psíquicas da vida

amorosa”, que não se manifesta somente na estimulação das zonas erógenas e na curiosidade pelos órgãos genitais de seus colegas, mas se revela também, nos afetos de “ternura, da entrega, do ciúme” etc. (FREUD, 2018, p. 84). Como assegura ainda: “a criança, muito antes da puberdade, com exceção da capacidade de reprodução, é um ser pronto para o amor”. (FREUD, 2018, p. 84). Dito isso, compreende-se a criança como um ser que está normalmente em busca de sua autonomia, tanto nas relações com seus pares, como na conquista de suas satisfações prazerosas.

Freud (2018, p. 238) há de reconhecer em textos posteriores⁶, inclusive, que a afirmação segundo a qual “o primado dos genitais não se consuma no primeiro período da infância, ou que se consumaria apenas de maneira incompleta”, não se sustenta. De acordo com ele: “a aproximação da vida sexual infantil à do adulto vai muito além” (FREUD, 2018, p. 238). Ele chega a reconhecer que o interesse pela genitalidade adquire pela criança um papel dominante:

Mesmo não ocorrendo uma unificação adequada das pulsões parciais sob o primado dos genitais, no auge do curso do desenvolvimento da sexualidade infantil, o interesse pelos genitais e a atividade genital ganham uma importância dominante, que fica pouco atrás daquela alcançada na maturidade (FREUD, 2018, p. 238).

Por tudo isso, não se deve estranhar na escola o conjunto de todos os comportamentos ligados ao desenvolvimento da sexualidade infantil dos 2 aos 5 anos de idade. Diante dessas interpretações, será que o educador e a escola estão preparados para compreenderem esses desenvolvimentos pessoais das crianças? Como a escola se comporta frente às várias situações de descobertas individuais dos alunos? De que forma a escola compreende e pode utilizar as contribuições da psicanálise como forma de auxiliar as estruturas curriculares, à luz do desenvolvimento infantil?

⁶ Referimo-nos aqui ao texto de 1923, intitulado *Organização Genital Infantil (Uma interpolação na teoria da sexualidade)*, no qual Freud amplia suas interpretações desenvolvidas em *Três Ensaios sobre a Teoria Sexual* de 1905.

2. A RELAÇÃO ENTRE SEXUALIDADE INFANTIL E O PROCESSO EDUCATIVO NO CONTEXTO ESCOLAR E SEUS DESAFIOS

Tendo verificado que o desenvolvimento sexual infantil tem seu começo na tenra infância, e que dos três aos cinco anos de idade a eflorescência sexual se manifesta fortemente nas zonas erógenas, o processo da educação infantil na escola assume uma responsabilidade peculiar sobre esse desenvolvimento.

Uma vez que os processos de gratificação sexual são facilmente observáveis na escola, neste capítulo, pretendemos analisar a seguinte questão: Como a professora e o professor da educação infantil reagem às várias manifestações sexuais existentes dentro do contexto escolar? Tendo em vista que alguns autores já se debruçaram sobre esse assunto, nosso objetivo é expor o que encontraram em suas pesquisas e analisar os resultados encontrados.

De acordo com Winnicott, as crianças precisam da escola como “um meio circundante emocionalmente sólido e constante”, no qual “elas próprias possam descobrir cada uma a sua maneira, o surto do sexo em si próprias e o modo como isso altera, enriquece, complica e inicia relações humanas” (WINNICOTT, 1982, p.243)

Todos/as os/as professores já vêm para a escola com sua bagagem social, cultural, religiosa e moral totalmente construída e, muitas vezes, por causa de sua formação familiar, eles são cheios de preconceitos e tabus quanto às questões da sexualidade. Se por um lado, como ressaltou Winnicott, a escola tem uma tarefa importantíssima a cumprir no acompanhamento da sexualidade infantil, por outro lado, essa formação prévia dos professores promove uma reação que precisa ser estudada. Vê-se que a questão não é o que ensinar às crianças, mas em como os professores saberem lidar com as manifestações de sexualidade existentes na escola.

Como diz Winnicott, por exemplo, a respeito da auto-gratificação sexual da infância:

A masturbação é um subproduto sexual de grande importância em todas as crianças. Nenhuma preleção sobre masturbação pode abranger totalmente o assunto, que em qualquer caso é tão pessoal e individual que só a conversa particular com um amigo ou confidente tem valor. (WINNICOTT, 1982, p.245)

Em geral, alguns trabalhos apontam para uma orientação sexual na infância de modo que o que ocorre é muito mais uma instrução que as crianças não teriam condições de assimilar. Isso porque elas ainda estão em fase de descoberta e de

compreensão de seu lugar no mundo. Isto se dá no nível da experiência que envolve a sua corporeidade e a sua relação com o mundo a sua volta, o que não lhes permite uma consideração abstrata dos fenômenos da sexualidade por elas vivida. Elas mostram-se imaturas para abstrair a tamanha amplitude do conceito mais abstrato da sexualidade, o que não a impede de sentir e se expressar sexualmente.

Por exemplo, de acordo com o texto *A Sexualidade no Ambiente Escolar: a visão dos professores da educação infantil*, das autoras Cibele Pavani Rodrigues e Amanda Muglia Wechsler (2014), ressalta-se a preocupação com a orientação sexual na infância em função dos possíveis riscos de saúde, e do grau de vulnerabilidade das crianças. Como dizem as autoras:

Os estudos científicos que abordam a temática da sexualidade na escola alegam a necessidade das crianças adquirirem conhecimentos sobre o assunto, a fim de tornar mínimos os riscos de saúde e diminuir o grau de vulnerabilidade a que as mesmas estão expostas. (RODRIGUES e WECHSLER, 2014, p.89).

As autoras revelam, contudo, uma consciência importante ao manifestarem que o assunto ligado a sexualidade “É pouco estudado, principalmente no que diz respeito as práticas educativas voltadas para a sexualidade de crianças no ambiente escolar, pois esta é uma temática extremamente voltada a preconceitos, tabus e crenças” (*ibidem*, p. 90). As discussões presentes na escola geralmente têm o cunho biológico focado na função sexual reprodutiva.

Muitas vezes a única forma de se falar de sexualidade na escola é através de estudos sobre o corpo humano e doenças sexualmente transmissíveis; e ainda assim para jovens e adolescentes. Isso se faz geralmente como uma forma de expressar uma preocupação com os males que o ato sexual pode causar, e não como uma forma de dar a compreender o despertar da sexualidade infantil e seu florescimento antes da fase de latência. Apenas com o olhar já sobrecarregado de juízos de valores e de reprovação antecipada os/as professores/as falam biologicamente sobre a sexualidade dos adolescentes.

De fato, é certo que, algumas vezes a criança mesmo em idade tenra manifesta dúvidas e uma determinada compreensão de aspectos relacionados à sexualidade ou à experiência da sexualidade. No texto *Manifestações da Sexualidade Infantil*, das autoras Ana Cláudia Bartolozzi Maia e Raquel Baptista Spaziani, que trata de uma pesquisa feita a partir de relatos de professoras e pais de crianças da educação infantil, feita por meio de questionário estruturado, aparecem nas falas de pais e professoras os seguintes

exemplos: “Perguntam bastante quando vão ao banheiro ‘Por que o menino faz xixi em pé? Por que a menina faz xixi sentada?’” (MAIA e SPAZIANI, 2010, p. 76). Em outra fala da família: “Quando vê um casal se beijando e questiona porquê; quando me vê sem roupa e fica observando e questionando seu corpo” (*ibidem*, p. 76). Outra professora fala, “Pergunta assim: ‘Aí tia, você tem cú? Você já deu?’” (*ibidem*, p.77)⁷

Diante desses fatos podemos verificar que essa situação demanda do professor certa instrução ou orientação. Mas como assegura Rodrigues e Wechsler:

Se o educador não for preparado e não possuir informações adequadas, poderá transportar seus valores, crenças e opiniões como verdades absolutas, não permitindo aos alunos autonomia para desenvolver seus conhecimentos. (RODRIGUES e WECHSLER, 2014, p. 90).

Além disso, podemos verificar que, a orientação religiosa da maioria das professoras emprega nessas situações um juízo de valor totalmente recriminador e repressor, inclusive inibindo as manifestações espontâneas que são próprias da infância. Quando um professor não tem uma formação adequada referente a essas questões da sexualidade infantil, que fazem parte do desenvolvimento da criança, geralmente ele vai ter tendência a tomar posições frágeis e, em geral, assumir o discurso do senso comum. Sem saber como lidar com a situação, as professoras e os professores acabam reproduzindo a educação tradicional que receberam sem atenção aos aspectos pedagógicos e psicológicos em jogo. Como testemunha uma das professoras da pesquisa à qual nos referimos acima:

Na realidade eu não saberia muito bem como trabalhar com isso, o que falar pra criança como... por mais que a gente saiba até teoricamente, na hora que a gente vê um caso assim fica a gente fica meio que chocada, dá uma balançada e a gente não sabe direito como lidar, então não me sinto não. (MAIA e SPAZIANI, 2010, p. 78).⁸

Se diante da verbalização das crianças a respeito de questões ligadas à sexualidade a falta de uma formação adequada deixa os professores inseguros quanto à orientação a ser dada, o mesmo ocorre nos casos em que se demanda do professor não tanto uma instrução a ser dada à criança, mas uma atitude de compreensão e intervenção, nos casos em que elas simplesmente manifestam, em seu comportamento, aspectos ligados à eflorescência da sexualidade. Para tanto, a preocupação com a

⁷ Neste caso se tratava de uma criança de 5 anos.

⁸O texto apresenta o trecho original da fala de uma das professoras.

instrução ou com o tipo de resposta que se deve dar aos questionamentos das crianças não pode se tornar o foco principal. Mais importante que isso é saber como lidar com o que elas fazem, pois as crianças não perguntam, fazem, principalmente na fase da educação infantil.

Os professores percebiam manifestações das crianças através de jogos sexuais, brincadeiras de namoro, tentativas de se espiarem no banheiro e de levantarem as saias das meninas, risadas frente a referências à parte do corpo, entre outras. Inicialmente as professoras não sabiam como lidar com estas situações, que lhes traziam ansiedade, dúvidas e até mesmo constrangimento. (DELL'AGLIO e GARCIA, 1997, p. 98)

Apesar de se dar conta da dificuldade que os professores encontram em lidar com as manifestações da sexualidade, como um todo, mas com maior veemência a sexualidade infantil na escola, Dell'Aglío e Garcia, enfatizam a educação sexual como saída para a superação de suas dificuldades. Trata-se de um trabalho de relatos de experiências de professores, técnicos dos setores de psicologia e pedagogia, pais e alunos das turmas da educação infantil (crianças entre 5 e 6 anos). O texto trata mais de uma instrução para as crianças e para os pais quanto ao tema da sexualidade, porém de forma mais expositiva e dialogada. Depois de se fazer uma sondagem junto aos pais e às crianças sobre o que entendiam sobre essa temática, foram feitas conversas informais de início como forma de explicar um pouco as questões sexuais, numa perspectiva biológica. O texto apresenta as seguintes formas utilizadas para instruir as crianças: “Foram adquiridos livros infantis sobre o nascimento dos bebês, atlas do corpo humano, bonequinhos de pano com sexo, a boneca grávida, procurando assim proporcionar às crianças, material lúdico que pudesse ser manuseado por elas” (DELL'AGLIO e GARCIA, 1997, p. 99).

As autoras apresentam também outra alternativa, além da mera instrução voltada para as crianças. Esta se concentra na formação do professor e no preparo para que ele possa compreender a situação da criança e lidar melhor com ela:

Foram também realizados seminários teóricos com o objetivo de estudar as fases do desenvolvimento e as fantasias sexuais infantis, tomando como referência a teoria psicanalítica [...]. Estes estudos foram importantes para o conhecimento teórico [e] possibilitou para os professores um maior entendimento do que ocorria com seu grupo, de acordo com as diferentes faixas etárias atendidas, permitindo também um manejo mais adequado de situações diárias. (DELL'AGLIO e GARCIA, 1997, p. 99-100)

Verifica-se, de fato, que os professores precisam de uma formação inicial e continuada a respeito da sexualidade, com o intuito de saber como lidar com as questões sexuais que surgem no ambiente escolar infantil. Mas o texto insiste ainda que a formação dada aos professores há de ter em vista o desenvolvimento da capacidade de instruir as crianças. De acordo com ele:

A função da escola é de informar, trabalhando com respeito à criança, procurando orientar e responder as perguntas com informações corretas e científicas, desmistificando concepções equivocadas e trabalhando de acordo com o interesse manifestado pelo grupo. Era deixado claro que cabe à família, a formação integral, que inclui o desenvolvimento de valores morais e afetivos, e que por isso o trabalho precisava ser desenvolvido em conjunto (DELL'AGLIO e GARCIA, 1997, p. 100).

É certo que o envolvimento da família nesse processo torna-se fundamental, mas não simplesmente no sentido de fornecer as condições para instruir bem às crianças, mas fundamentalmente de dar a compreender o que se passa na eflorescência da sexualidade infantil. Pois, como vimos, se mesmo os professores têm dificuldade de acompanhar as crianças e compreender suas manifestações no plano da sexualidade, tanto mais a família pode se encontrar em situações de maior dificuldade ainda no acompanhamento desse processo. Professores e pais precisam de fato manter-se em contínuo diálogo, no intuito de compreender a situação do desenvolvimento sexual infantil.

Um dos problemas do texto é, contudo, a oscilação que existe entre se propor a compreender a sexualidade na educação infantil e acabar recaindo na preocupação sobre como os professores e familiares devem desenvolver a sexualidade das crianças e mesmo dos adolescentes, o que retira o foco da compreensão da situação das manifestações sexuais infantis. A preocupação com a instrução ou com o tipo de resposta que se deva dar às perguntas das crianças não deveria ser o foco fundamental. Mais importante do que isso é saber como lidar com o que elas fazem, pois as crianças nem sempre perguntam; elas muito mais fazem, isto é, desenvolvem comportamentos que manifestam a eflorescência da sexualidade infantil, sem poderem compreender em que isso consiste e em meio à incompreensão dos seus familiares e professores. A questão da educação sexual das crianças pode, na verdade, ser inviável, ou pelo menos insuficiente no trato com as crianças da educação infantil. Pois, na maioria das vezes, as crianças não estão em condições de compreender as instruções fornecidas nem têm a maturidade suficiente para compreender a informação conteudista e seu significado.

Muitas vezes a escola tem até uma intenção concreta de instruir os docentes quanto a uma formação sobre a sexualidade infantil, porém, isso não quer dizer que de fato ocorra uma compreensão adequada do problema que seja favorável às crianças. De acordo com Maia e Spaziani:

Diante dessas manifestações sexuais infantis, bem como dos diálogos decorrentes de sua curiosidade sobre a temática, os adultos precisam estar preparados para não se omitirem ou responderem com informações inadequadas e/ou fantasiosas, pois isto pode privar a criança do reconhecimento de sua sexualidade, assim como fazer com que ela compreenda o assunto como algo errado ou sujo. (MAIA e SPAZIANI, 2010, p. 70)

Dessa forma vê-se a importância de uma compreensão mais científica sobre o tema, a fim de proporcionar aos professores métodos mais eficazes para lidar com as manifestações sexuais das crianças no ambiente escolar. É necessário salientar que o professor ou a professora no momento de intervenção com os alunos, deve compreender que cada um tem sua característica própria e se manifesta de forma individual de acordo com o contexto social, cultural e econômico em que está inserida. Nesse aspecto, convém ressaltar a diferença que certamente deve existir nos processos de intervenção relativos às crianças de escola pública e às daquelas de escola privada. Em geral, pude perceber que nas escolas públicas onde tive a oportunidade de atuar, verifiquei uma abertura maior no que diz respeito a tratar sobre esse assunto com os pais e no ambiente escolar, porém o que ocorre é um despreparo por parte dos professores para saber como tratar desse assunto. Enquanto na escola privada, pude observar que mesmo que a escola tenha uma preparação mais efetiva com base psicológica sobre o tema, o professor muitas vezes se sente preso às regras e normas da instituição.

Aprofundando um pouco sobre a reação dos professores às manifestações da sexualidade infantil nas escolas convém notar que:

As atitudes de pais e educadores diante da sexualidade de crianças costumam ser de dois tipos: uma unilateral, inibidora e mistificadora, que ocorre quando os adultos tentam “apagar incêndios” diante das curiosidades sexuais das crianças; outra, omissa, que é quando “fingem que não vêem”. (MAIA e SPAZIANI, 2010, p. 70)

De acordo com o texto tais tipos de atitudes “se explica pelos ‘limites de nossa formação e impedimentos de nossa cultura e informação sobre o tema’” (MAIA e SPAZIANI, 2010, p. 70). Observa-se com isso que a questão da sexualidade permanece

ainda hoje tanto quanto antes uma questão complexa, tendo em vista que o corpo é fortemente inibido pelo pudor social e cultural na sociedade em que vivemos. Como ressaltam as autoras quanto ao despreparo das professoras,

Aliado à falta de informação há o aspecto de que muitos educadores possuem uma história de educação sexual caracterizada por dúvidas, medos e tabus, afora a insegurança de enfrentar os pais que podem ser contrários à orientação sexual na educação infantil (MAIA e SPAZIANI, 2010, p. 72)

Essa mesma descrição pode ser aplicada a muitos pais, que desinformados e com uma história sexual também caracterizada por dúvidas, medos, tabus e preconceitos, tornam-se incapazes de compreender a eflorescência sexual na infância e não só não sabem lidar com essas manifestações como muitas vezes a inibem, constroem e prejudicam o desenvolvimento sexual normal das crianças. Para que haja essa compreensão de se trabalhar sua metodologia com as crianças, é preciso que o professor passe por um processo de retirar essa capa de pré-conceitos e se tornar crítico quanto às manifestações sexuais observadas nas crianças.

Muitas vezes professores ou pais tendem a achar que as manifestações sexuais infantis estão associadas a fatores externos, não entendendo que se trata de um florescimento sexual normal da criança. Acredita-se que “a educação sexual acontece desde o nascimento da criança, aonde ela vai absorvendo observações do seu meio” (RODRIGUES e WECHSLER, 2014, p. 91). Pensa-se, além disso, que:

Através dos relatos dos pais ou das próprias crianças, era percebido que elas assistiam muita TV em casa, sendo expostas a filmes, novelas e propagandas relacionadas a sexo. Sabe-se, no entanto, que esses assuntos geralmente não são conversados, dentro da família, em função da repressão existente na nossa cultura e porque existe uma idéia, não explícita entre as pessoas, de que a “ingenuidade” das crianças precisa ser preservada. (DELL’AGLIO e GARCIA, 1997, p. 101)

Apesar de não podermos afirmar que essas manifestações da sexualidade infantil são frutos de uma influência externa (contato com a mídia, contato com adultos), podem acontecer, contudo, que o contexto no qual a criança está inserido possa despertar ou mesmo estimular essas manifestações. Mas como vimos no capítulo anterior as manifestações da sexualidade infantil afloram como uma característica própria dessa fase com base na própria imaginação da criança e na experiência erógena de seu próprio corpo. Certamente, porém, o contexto psicossocial pode vir sempre a interferir nessa

experiência, influenciando ou estimulando a sua manifestação ou mesmo inibindo o seu florescimento e desenvolvimento normal. É preciso, por exemplo, notar que muitas crianças passam por situações de abusos sexuais recorrente. O que conseqüentemente pode ocorrer quando um adulto se aproveita de uma criança nas ocasiões em que a criança desenvolve a masturbação. Apesar disso o professor não necessariamente deve conjecturar que haja sempre uma causa externa por trás das manifestações sexuais infantis observadas, dessa forma não pode generalizar essas manifestações e lidar como se fosse tudo causado por algo externo à criança.

As manifestações sexuais infantis, tal como vimos no primeiro capítulo, muito mais do que associadas a fatores exteriores, dizem respeito a um processo natural do desenvolvimento sexual da criança. Tal como vemos no texto *Investigando a Sexualidade Infantil a partir do Relato de Educadores*, das autoras Elis Regina Costa e Claudiane Venâncio, “A sexualidade não é vista pela psicanálise em seu sentido usual, porém abarca a evolução de todas as ligações afetivas estabelecidas desde o nascimento até a sexualidade genital adulta” (RAPPAPORT, FIORI, DAVIS *apud* COSTA e VENÂNCIO, 2015, p.131).

É preciso ter sempre em conta que, “a sexualidade é parte integral da personalidade de cada pessoa, pois a sexualidade não se restringe ao ato sexual. É necessário que o educador tenha clareza da sexualidade abarcando aspectos biológicos, psicológico e afetivo” (COSTA e VENÂNCIO, 2015, p. 136). Compreende-se que a sexualidade faz parte da característica humana da criança, ela não se configura dissociada dos aspectos do sujeito. Em relação à masturbação infantil, ela “envolve também a curiosidade, a exploração e a descoberta do próprio corpo, estes são dois conceitos que devem ser trabalhados juntos e não dissociados” (COSTA e VENÂNCIO, 2015, p. 131). De acordo com as autoras:

A masturbação infantil é uma manifestação normal da criança, e quando a mesma descobre que coçar ou esfregar os genitais produz uma sensação prazerosa, ela sem se dar conta do que está fazendo, repetirá mais vezes essa prática. (COSTA e VENÂNCIO, 2015, p. 136).

Com isso observa-se que a masturbação infantil está presente em todos os contextos sociais. Ela ocorre com a criança quando frequenta os vários espaços sociais, porém é na escola que a criança deveria ser mais compreendida em seu desenvolvimento sexual uma vez em que se encontra em seu espaço de formação educacional. Contudo, é preciso observar se a criança está se masturbando com muita

intensidade, deixando de participar das atividades e momentos de brincadeiras para ficar nessa interação com ela própria, isso pode demonstrar que algo está acontecendo com essa criança, à medida que ela se isola em virtude de cultivar sua prática de auto gratificação sexual. Deve-se levar isso em conta tendo em vista o que Caroline Arcari ressalta, quando diz que “embora a masturbação seja uma atividade natural, ela também requer limite e vigilância para que não se transforme em uma prática compulsiva e compensatória”. (ARCARI *apud* COSTA e VENÂNCIO, 2015, p.137). Na perspectiva de um aprofundamento dessa questão, e na tentativa de fornecer algumas pistas sobre como lidar com essas manifestações de auto gratificação no contexto da educação infantil Elis R. Costa e Claudiane Venâncio, que se preocuparam um pouco mais com esse aspecto da efloração sexual infantil, destacam que:

Os professores e os pais devem estar atentos a isso e procurar saber o que está levando a criança a reagir assim e procurar resolver a situação buscando sempre amparar e proteger. Geralmente, a masturbação excessiva ocorre com crianças solitárias, isoladas, que residem em espaços físicos pequenos, possuem dificuldades em se socializar, que sofrem violência ou abuso sexual. Neste sentido, elas buscam por meio da masturbação recompensar-se, a fim de suprir a falta de atenção e afeto dos pais (COSTA e VENÂNCIO, 2015, p. 137).

Apenas as pessoas mais próximas às crianças e que fazem parte do seu convívio natural é que podem perceber essas mudanças ocorridas nas suas expressões. Ressaltando que nessa fase, quando algo está incomodando a criança, dificilmente ela falará sobre seus sentimentos, mas demonstrará em suas manifestações espontâneas tanto em casa como em sala de aula. É importante perceber o nível de ansiedade em que a criança se encontra, pois é possível também que ela esteja passando por situação de ansiedade ou estresse que a leva à masturbação quase que como uma espécie de refúgio.

De acordo com as autoras muitos professores que ignoram e preferem não reconhecer essas manifestações sexuais nas crianças é porque não conseguem lidar com sua própria sexualidade. Como foi visto acima, grande parte das professoras vem de uma herança educacional tradicional repassada dos seus avós para seus pais e de seus pais para si, em que não podiam se expressar, nem falar de sexo, por causa do medo e tabus impostos pelas religiões e sociedade vigente. Como vimos que a própria formação que obtiveram não foi suficiente nem mesmo para compreenderem a si próprias quanto mais para compreenderem o que se passa com as crianças a quem acompanham.

Diante disso, nota-se a necessidade de uma compreensão adequada sobre o tema por parte das professoras e professores, pois só será feito um trabalho efetivo no

desenvolvimento da criança quando elas tomarem conhecimento da importância dessa temática para a evolução das crianças quanto a sua sexualidade. Isso só ocorrerá com uma formação eficaz oferecida pela escola junto a equipe técnica competente, como: psicóloga, psicopedagoga, pedagoga, assistente social, entre outros, para as professoras e professores ou mesmo cursos de especialização nessa área em instituições sérias. Se não houver uma compreensão efetiva dessa necessidade para o desenvolvimento sexual das crianças, as professoras vão continuar reproduzindo saberes do senso comum, regados de suas próprias crenças, opiniões, preconceitos e medos. Nessa perspectiva Costa e Venâncio declaram que: “é necessário que o trabalho de formação para a sexualidade proporcione aos educadores uma reflexão sobre suas dificuldades, bloqueios e valores pessoais que permeiam sua ação pedagógica” (2015, p.138). Em função dessa exigência formativa dos professores para uma melhor compreensão das manifestações sexuais das crianças na educação infantil, convém perguntar em que medida a formação obtida na universidade fornece ou não elementos suficientes que favoreçam os professores desenvolverem tal processo de acompanhamento na escola? Por que os professores já formados revelam ainda tanta dificuldade em compreender e lidar com a eflorescência da sexualidade infantil na escola? É em torno de tais questões que se desenvolverá nossa reflexão no próximo capítulo.

3. AS DIFICULDADES DOS PROFESSORES NO ACOMPANHAMENTO DE ATITUDES LIGADAS À SEXUALIDADE INFANTIL NA ESCOLA E O PAPEL DOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Como vimos no capítulo anterior, os professores da educação infantil têm ainda muita dificuldade em lidar com as manifestações da sexualidade infantil na escola. Pode-se verificar que grande parte dessa dificuldade se deve ao fato de que o próprio processo de formação do professor ainda é bastante frágil, não fornecendo elementos suficientes que dêem a ele condições necessárias de acompanhar o infante na fase de sua efloração sexual. Neste capítulo nosso objetivo será justamente mostrar quais as lacunas encontradas no processo de formação do professor e qual o papel de uma formação continuada que dê conta do acompanhamento do desenvolvimento sexual infantil no âmbito escolar.

De acordo com Rodrigues e Wechsler, o assunto da sexualidade infantil e especialmente nas fases iniciais do seu desenvolvimento “é pouco estudado principalmente no que diz respeito às práticas educativas voltadas para sexualidade de crianças no ambiente escolar” (RODRIGUES E WECHSLER, 2014, p. 90). De fato, nos cursos de pedagogia nem sempre se verifica que esse assunto seja mencionado e trabalhado de maneira apropriada nas disciplinas oferecidas. Nos cursos de educação, como base para a formação docente, há as áreas de aprofundamento como psicologia, sociologia, história e filosofia; porém, em nenhuma dessas áreas, nada sobre a sexualidade infantil é mencionado. Aquilo que deveria ser compreendido como fator preponderante para a compreensão do desenvolvimento da criança é deixado de lado, em função de uma primazia dada ao desenvolvimento cognitivo e social dela. O que se percebe é que, se no próprio curso não há essa compreensão da importância dessa temática para a formação dos licenciandos em pedagogia, que são os futuros responsáveis pela educação infantil, então não se fornece aos futuros educadores uma compreensão das questões reais que ocorrem dentro de sala de aula das escolas regulares de educação infantil sobre sexualidade. Os cursos e as escolas são espaços educativos, pudessem de senso comum, barreiras etc.

Às vezes os próprios professores do curso de Pedagogia não têm a dimensão dos desafios enfrentados pelos professores da educação infantil, no que se refere às manifestações sexuais das crianças. Talvez, um dos motivos pelos quais alguns professores dos cursos de Pedagogia não atentam em suas disciplinas para a

eflorescência sexual das crianças e do que ocorre nas escolas de educação infantil é o fato de que eles em geral têm sua formação em outras licenciaturas, e já ingressam no ensino superior, sem passar ao menos nos estágios nas creches onde o problema é mais fortemente sentido. Pois, de fato, apenas a pedagogia é a licenciatura que desenvolve estágios nos CREIS e Pré-escolas, o que favorece que o formando entre em contato direto com o contexto em que a criança manifesta seus comportamentos ligados ao seu desenvolvimento sexual. Apesar disso há de se considerar que os próprios estágios em educação infantil carecem em geral de um aprofundamento temático a respeito do despertar da sexualidade infantil. Pois o foco principal é observar se as instituições de educação infantil estão adequadas para as crianças, como também, analisar de que forma a criança está se desenvolvendo nas questões cognitivas, psicomotoras, afetivas e sociais.

No curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba existe apenas uma disciplina que trata mais propriamente sobre sexualidade, que é a de Educação Sexual. Apesar de ser de grande relevância para uma discussão a respeito da sexualidade na infância, por ser uma disciplina optativa acaba não oferecendo disponibilidade mais acessível de horários para o aluno. Mesmo assim, deve-se observar que, em seu conteúdo programático, muitos elementos se tornam de grande importância para a discussão sobre a sexualidade e sobre a educação sexual infantil. A disciplina faz um levantamento mais teórico sobre a questão da sexualidade, iniciando com as temáticas numa perspectiva mais biológica sobre o corpo e órgãos genitais; depois faz uma análise da necessidade de uma educação sexual e apresenta um conceito histórico da sexualidade. No plano da disciplina o professor da disciplina de Educação Sexual faz um estudo geral da sexualidade partindo desde a educação especial até à Educação de Jovens e Adultos, passando pela formação do professor como educador sexual. Tratando sobre a sexualidade infantil, dois textos são trabalhados, de acordo com o plano de curso: um sobre a erotização dos corpos infantis e outro sobre as brincadeiras infantis sexualizadas. No entanto, todos os outros temas abordados têm o olhar propriamente voltado para a sexualidade de jovens e adultos. Dessa forma, acredito que a disciplina é de grande contribuição para a formação do pedagogo, pois faz um aprofundamento sobre a sexualidade nas diversas fases do desenvolvimento humano.

Contudo, não se atém especificamente ao desenvolvimento sexual infantil como precursor da sexualidade que há de emergir de maneira mais explícita na adolescência depois do período de latência. Desse modo, a disciplina acaba por não oferecer de modo

suficiente uma formação adequada, para que o futuro pedagogo consiga lidar com tranquilidade com a eflorescência da sexualidade infantil, manifesta em diversos comportamentos da criança na escola, nessa fase de seu processo educativo. Essa disciplina deveria constar como obrigatória na grade curricular do curso, como também deveria ter mais disciplinas tratando do assunto mais profundamente, de forma sistematizada e especificando a educação infantil como também o ensino fundamental, que são propriamente nossa área de trabalho nas escolas.

Vale salientar que, além das disciplinas oferecidas no curso, convém conferir a devida importância aos projetos de pesquisa em torno da sexualidade, bem como os grupos de estudos vinculados a esses projetos. Na UFPB por exemplo, podemos destacar o grupo de estudo e pesquisa ligado ao projeto Gênero, Sexualidade e Diversidade nas Escolas desenvolvido pela professora Doutora Jeane Felix da Silva⁹. A pesquisa visa fazer uma sondagem com os alunos de licenciatura dos cursos de Pedagogia, Pedagogia do Campo e Psicopedagogia da UFPB sobre o conhecimento da temática de Gênero, Sexualidade e Diversidade, e de que forma está sendo debatido no âmbito da universidade e qual a importância dessa temática para os estudantes levarem para a escola, como também, saber qual o conhecimento que os alunos têm sobre a visão da Escola Sem Partido a respeito dessa abordagem. Além deste convém destacar estudos da Professora Doutora Maria Eulina Pessoa de Carvalho, que é referente às questões de gênero, sexualidade e diversidade¹⁰, porém tem ênfase maior nas questões de gênero, sendo assim, não é focado na infância e na eflorescência da sexualidade infantil e suas manifestações.

Também o estágio de educação infantil desenvolvido na graduação permite ao licenciando em pedagogia entrar em contato direto com as manifestações de alto-gratificação sexual que são próprias da eflorescência sexual infantil na escola. Contudo, esse estágio restringe-se basicamente na observação da instituição, quanto à adequação

⁹ Sobre o tema da sexualidade podemos destacar os seguintes textos: SILVA, J. F. Educação e sexualidade: uma reflexão para professores/as. In: WANDERLEY, Alba Cleide Calado; VIEIRA, Maria das Graças. (Org.). TECENDO OS FIOS DA EDUCAÇÃO: escola/ensino, formação de professores e direitos humanos. João Pessoa: Editora UFPB, 2008, p. 15-20; SILVA, J. F. A professora de ensino fundamental e a orientação sexual na escola: além dos temas transversais. In: Maria Eulina Pessoa de Carvalho; Maria Zuleide da C. Pereira. (Org.). Gênero e educação: múltiplas faces. 1ªed. João Pessoa: UFPB, 2003, v. 1, p. 299-312.

¹⁰ De seus trabalhos publicados em torno da sexualidade convém destacar, CARVALHO, M. E. P. *et al.* Representações sobre corpo, gênero e sexualidades ao longo da vida: discursos de estudantes de pós-graduação em educação. Revista Cocar (UEPA), v. 9, p. 143-153, 2015; CARVALHO, M. E. P. *et al.* Estudos sobre Corpo, Gênero, Sexualidade e Currículo.. Revista Espaço do Currículo (Online), v. 8, p. 172-175, 2015.

de seus espaços para as crianças, como também na observação do desenvolvimento cognitivo e psicomotor da criança. E quanto à intervenção proposta para as estagiárias com as crianças, em geral esta ocorre na perspectiva de buscar desenvolver atividades lúdicas com jogos e brincadeiras voltadas para o desenvolvimento da criança, mas dificilmente têm em vista o problema sobre como lidar com o desenvolvimento sexual infantil, tão comum das crianças nessa fase. Mesmo em sala de aula os textos trabalhados não apontam para uma discussão em torno da sexualidade infantil, de tal modo que, ainda que possamos nos deparar com manifestações da sexualidade infantil no período de estágio temos poucas condições de saber como lidar com elas.

Por este exemplo podemos verificar que o tratamento da sexualidade infantil no curso de Pedagogia, tendo a UFPB como lastro, fica em geral destinado ao âmbito de aprofundamento. No geral, o curso não oferece um corpo de disciplinas que possam abordar de maneira mais aprofundada e ampla as questões ligadas ao desenvolvimento da sexualidade infantil, tal como ela emerge no período de eflorescência sexual, de tal maneira que possa fornecer ao futuro pedagogo uma formação adequada, que lhe permita compreender e lidar com as diversas manifestações sexuais das crianças na educação infantil. Sabe-se que apenas as disciplinas oferecidas não dão conta desse entendimento, para que haja uma mudança na mentalidade das professoras. Porém, tais disciplinas podem ajudar que futuros pedagogos se debrucem a compreender melhor esse processo de eflorescência sexual infantil, oferecendo subsídios para que esse tema não seja tão espantoso para as professoras da escola de educação infantil. Daí o professor da educação infantil sentir-se um tanto despreparado para compreender e lidar com as crianças em tais circunstâncias na escola, e acabarem por deixar aflorar uma compreensão e orientação fundada em preconceitos e tabus.

A falta de conhecimento do professor a respeito da sexualidade infantil pode banalizar a sua importância para o desenvolvimento da criança. Dessa forma, o docente que se sente inseguro em como se comportar frente a essas questões de manifestações sexuais por parte da criança necessita de uma formação complementar para ajudá-lo nesse processo de compartilhamento de segurança, afeto e compreensão. Sendo assim, Rodrigues e Wechsler reforçam que “a formação destes profissionais ao se trabalhar com a temática é de grande importância para que se possa evitar a passagem de conceitos pessoais, preconceitos ou ideias inadequadas” (RODRIGUES; WECHSLER, 2014, p. 96).

De acordo com elas, a falta de preparo dos professores em um momento de auto-gratificação das crianças na escola se dá devido a uma falta de formação ou uma má formação. Assim, se os professores tivessem uma formação voltada para o desenvolvimento sexual das crianças, possivelmente saberiam como lidar com tais situações, sem antes de mais nada colocarem seus juízos de valores para resolver qualquer situação em sala de aula. Quanto a isso as autoras dizem que,

Muitos educadores possuem dificuldades em orientar seus alunos que podem ser: por razões pessoais, falta de informações específicas voltadas na área da sexualidade e até mesmo por falta de orientação de recursos metodológicos que ajude o professor a compreender a realizar uma orientação sexual adequada. Porém, a formação desses profissionais ao se trabalhar com a temática é de grande importância para que se possa evitar a passagem de conceitos pessoais, preconceitos ou idéias inadequadas (RODRIGUES E WECHSLER, 2014, p. 96).

Visto que é deveras importante para o desempenho do professor uma formação de qualidade quanto às questões da sexualidade infantil, pode-se perceber que os cursos de formação de professores devem exercer um papel significativo para que esse processo de acompanhamento das crianças, na fase de sua eflorescência sexual, possa se constituir de maneira saudável e tranqüila. E verificando que nem sempre os cursos de graduação fornecem uma qualificação adequada para o docente que trabalha com a educação infantil, no que diz respeito ao acompanhamento do desenvolvimento sexual da criança face as suas manifestações na escola, observamos a exigência de uma formação continuada para as professoras que já exercem a profissão de docência. É importante para o professor buscar participar de cursos, palestras e especializações relacionadas com a área da sexualidade infantil para que desconstrua determinados pré-conceitos incorporados ao longo de sua formação humana. Quando se trata da formação de seres humanos no ambiente escolar, deve-se pensar que não se pode incorporar nas crianças nossos conceitos formativos pessoais e sim os conceitos adquiridos na formação institucional. Isso não quer dizer que não sejam importantes os conhecimentos sociais e culturais que adquirimos ao longo dos anos, contudo, não convém impor aos alunos nossos próprios valores religiosos, nossos medos ou tabus.

Como recordam Rodrigues e Wechsler, levando em conta os *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação de temas transversais*, publicados pelo MEC em 1998: “É indispensável que os profissionais tenham acesso a uma formação específica para tratar de sexualidade com os alunos na instituição, permitindo a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema”

(RODRIGUES E WECHSLER, 2014, p. 96). Segundo elas, esta formação continuada no campo da sexualidade torna-se indispensável, na medida em que somente a partir dela é possível que o professor da educação infantil organize de modo apropriado e com respaldo teórico o acompanhamento da criança em suas manifestações de auto-gratificação sexual na escola, e exerça a tarefa de orientar as crianças em seu desenvolvimento sexual em ambiente escolar.

No trabalho de Costa e Venâncio, podemos verificar que uma das preocupações fundamentais da sua investigação diz respeito à formação inicial e continuada dos professores da educação infantil, buscando averiguar se essa formação “as preparou e prepara para lidar com a temática” (COSTA e VENÂNCIO, 2015, p.134). De acordo com a pesquisa, das doze professoras investigadas, 25%(3) disseram que a formação inicial contribuiu para lidar com as questões da sexualidade infantil a escola, enquanto 75% (9) disseram que não contribuiu. Vê-se que essa pesquisa é mais um testemunho de que a formação inicial do professor da educação infantil não contribui, senão de maneira muito parcial ou até mesmo superficial para que o professor possa lidar com as questões ligadas a auto-gratificação sexual na infância em sua prática profissional, exigindo do professor um aprofundamento à parte a respeito desse tema. E de fato, de acordo com a pesquisa, no que diz respeito a formação continuada, 75% (9) das professoras investigadas consideraram que a formação continuada pode contribuir melhor para um preparo a respeito do desenvolvimento da sexualidade infantil ao passo que apenas 25% (3) testemunharam que mesmo aí a formação continuada não propiciou um conhecimento adequado dessa temática. Nesta pesquisa se tornou evidente que:

Relativo a maneira de reagir e educar frente a comportamentos sexuais, a resposta de ignorar as manifestações de sexualidade infantil por parte de alguns educadores, vem demonstrar mais uma vez a dificuldade de lidar com a sua própria sexualidade. De fato, os relatos confirmam o despreparo que o professor possui para trabalhar a sexualidade de seus alunos bem como a ausência de preparação pedagógica (COSTA e VENÂNCIO, 2015, p.137).

As autoras ainda ressaltam como este fato se confirma em muitos outros estudos (cf. *ibidem*, p. 137). Em seu próprio trabalho elas asseguram a partir do testemunho das professoras investigadas que “de fato a sexualidade infantil é estudada de forma rápida e sucinta, geralmente em uma única disciplina dentro do currículo do curso” (COSTA e VENÂNCIO, 2015, p. 138).

Podemos perceber a partir do que escrevemos nos capítulos anteriores que, mesmo naquela(s) disciplina(s) do curso de pedagogia que tratam da sexualidade, o enfoque se torna muito estreito, uma vez que não aprofunda as diversas perspectivas que o trabalho psicanalítico pode oferecer. Seria necessário que já no início do curso, entre as disciplinas de fundamentos, houvesse uma ênfase quanto à psicanálise, como por exemplo: nas disciplinas de psicologia ou com mais disciplinas obrigatórias de psicologia da aprendizagem, nas quais se trate sobre a educação sexual das crianças e o seu desenvolvimento na efloração sexual. É muito difícil que sem o aporte psicanalítico seja possível que o professor da educação infantil compreenda a dinâmica própria da efloração sexual da infância, que se manifesta de várias formas de auto-gratificação e descoberta, e seja capaz de atuar numa perspectiva que propicie um desenvolvimento sexual saudável e seguro da criança.

No texto das autoras, sugere-se explicitamente a necessidade de uma mudança na maneira como os cursos de formação de professores “discutem e ensinam os conteúdos relacionados a sexualidade” (COSTA e VENÂNCIO, 2015, p. 139). As autoras recordam como, de acordo com Cláudia Ramos de Souza Bonfim, “as disciplinas pedagógicas atualmente oferecidas nos cursos de licenciatura são insuficientes para formar os educadores sexuais emancipatórios que almejamos” (BONFIM *apud* COSTA e VENÂNCIO 2015, p. 139). De acordo com Bonfim a modificação no conteúdo e método de ensino é indicada no sentido da “inserção da matriz curricular da Licenciatura de uma ou mais disciplinas ou conteúdos curriculares referenciais que tratem da construção histórica da sexualidade humana desde a Biologia às Ciências Humanas” (*Ibidem*). Não fica evidente nestas indicações a importância do papel da psicanálise para a formação do professor da educação infantil, o que a nosso ver é, contudo, de extrema importância. Sem esse conhecimento de caráter teórico, que pode levar a uma melhor compreensão do desenvolvimento da sexualidade infantil, o “esforço em improvisar atitudes de orientação” sem o devido “aprofundamento e reflexão que possa repercutir positivamente em suas práticas pedagógicas” (COSTA e VENÂNCIO, 2015, p. 139). Leva a um fracasso no processo de acompanhamento do desabrochar da sexualidade infantil na escola.

Já mesmo o critério de passagem da teoria à prática não está aqui ainda claro. O fato de simplesmente conhecer como se dá o desenvolvimento sexual infantil à luz da psicanálise não quer dizer que o professor já saiba como agir e intervir nas diversas situações em que ele se depara com as manifestações da efloração sexual da criança.

E não teremos condições de neste trabalho apresentar este critério. Podemos entrever, contudo, que a partir dos próprios estudos psicanalíticos, a passagem do princípio de prazer ao princípio de realidade, que na criança se traduz a partir de uma experiência de brincadeira e ludicidade, através da qual a criança transfere a experiência de auto-gratificação erógena (princípio de prazer) para a experiência lúdica ligada às brincadeiras de faz de conta (princípio de realidade), pode fornecer a chave para a construção de uma intervenção pedagógica ligada à sexualidade infantil e à orientação de seus impulsos e manifestações (cf. SAJ PORCACCHIA e BARONE, 2008, p. 368-370).

Uma última dimensão que há de se ter em conta é a formação continuada. Já que a formação inicial se mostra no mais das vezes precária, a formação continuada apresenta-se como um caminho adequado para superar as dificuldades encontradas no acompanhamento da sexualidade da criança na educação infantil. Para isso é preciso salientar que a formação continuada precisa manter esse assunto como seu foco principal para poder dar conta das diversas questões emergentes no contexto escolar da educação infantil ligado a auto-gratificação sexual na infância. Geralmente os cursos de formação continuada que são oferecidos pelo Município de João Pessoa para os professores são em sua maioria referentes ao letramento, às questões da indisciplina dos estudantes e um tema bastante atual e muito recorrente em todas as escolas tanto privadas quanto públicas que é a educação especial.

De acordo com Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena de Lima, a formação continuada deve estar “a serviço da reflexão e da produção de um conhecimento capaz de oferecer a fundamentação teórica necessária para a articulação prático-crítico em relação ao aluno, à escola, à sua profissão e à sociedade” (PIMENTA LIMA *apud* COSTA e VENÂNCIO, 2015, p. 139).

Sendo assim, percebe-se que a formação inicial é de grande importância para a ação do pedagogo nas escolas de educação infantil, o que requer que nessa formação inicial seja efetivamente concreta, de modo que ofereça uma base sólida aos licenciandos quanto às manifestações da sexualidade infantil. Os cursos de licenciatura não podem se mostrar de forma limitada quanto às questões da eflorescência sexual infantil. É preciso pensar que a educação sexual é de grande importância para a formação do ser humano, pois quando ignoramos a sua relevância para o desenvolvimento da criança, podemos desenvolver nos pequenos recorrentes traumas, medos, pudores e inibições da espontaneidade infantil. Ao que compreendemos que há

uma necessidade de ampliar o olhar para a quebra desses paradigmas no currículo das licenciaturas, e no conjunto da sociedade, como também nas ações da escola e dos professores sobre essa temática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa foi pensada a partir de inquietações observadas durante os estágios da educação infantil no CREI. A partir de então, nos propusemos a aprofundar sobre como essas questões da auto-gratificação sexual da criança são trabalhadas dentro da escola com professoras da educação infantil. Pudemos observar que há uma grande necessidade por parte dos professores de saberem como lidar com essas questões da sexualidade aparentes na escola. Entendemos que grande parte dessas dificuldades se deve ao fato de que os professores não têm uma formação adequada a respeito da eflorescência da sexualidade infantil na escola.

O nosso estudo deu-nos condições de compreender que a psicanálise pode oferecer uma importante contribuição para o conhecimento do desenvolvimento sexual infantil. E que ela floresce em cada criança de maneira própria, e se apresenta de acordo com a forma em que esta se relaciona com seu meio familiar, social e cultural. Um estudo dessas bases psicanalíticas para a compreensão da sexualidade infantil seria de grande importância para o educador que lida na escola com diversos comportamentos ligados ao desenvolvimento da sexualidade infantil tais como a masturbação os jogos e brincadeiras relacionados ao corpo, etc.

Contudo, pudemos verificar que algumas pesquisas já revelam claramente que os professores têm grande dificuldade em lidar com tais situações. Um dos motivos pelos quais isso ocorre é porque eles têm em sua formação uma deficiência sobre o conhecimento da sexualidade infantil. Dessa forma empregam em suas atitudes suas concepções de valores e conhecimentos populares que geralmente são baseadas em conceitos morais, religiosos, tabus e medos.

Foi levando em conta essa situação, que indica a precariedade na formação dos professores, que procurei verificar em que medida o curso de Pedagogia da UFPB, favorece aos licenciando de Pedagogia uma formação adequada, que os ajude a saber lidar com os comportamentos próprios da eflorescência sexual das crianças na escola. Pude verificar que no curso de educação ofertado na UFPB não existem muitas disciplinas que tratem sobre essa temática, tendo em sua grade curricular apenas uma disciplina optativa, não existindo nenhuma mais que trate do desenvolvimento da sexualidade infantil; nem mesmo na disciplina de psicologia existe a referência ao desenvolvimento sexual infantil, sendo a ênfase colocada apenas no desenvolvimento cognitivo e social da criança. O que percebemos é que os cursos de formação de

professores não acreditam na importância do conhecimento dessa temática como fator de grande relevância para o desenvolvimento humano tanto quanto o desenvolvimento cognitivo, motor e social do sujeito.

Há porém por parte dos próprios professores a busca de suas próprias pesquisas em torno da sexualidade; entretanto, mesmo havendo tantos projetos relacionados ao tema, nenhum se refere ao campo da sexualidade infantil, mas às questões de sexualidade, gênero e diversidade. Daí que os professores se ressentam não só de uma educação básica que os prepare para a vida do desenvolvimento sexual infantil na escola e necessitem por isso de desenvolver uma formação continuada que os ajude a superar as deficiências nesse campo.

Desse modo, a maior parte desse trabalho consistiu fundamentalmente em apontar os elementos que caracterizam o desafio do acompanhamento da eflorescência sexual infantil na escola. Os comportamentos ligados a auto gratificação sexual verificados nos alunos ficam quase inteiramente incompreendidos pelos professores. Há com isso a necessidade que esses busquem quebrar as barreiras do preconceito e da falta de informação quanto ao conhecimento da sexualidade infantil no intuito de ficarem mais preparados para os desafios que poderão encontrar nesse campo específico do desenvolvimento infantil na escola.

Nesse trabalho foi possível apontar unicamente que há uma necessidade por parte dos professores da educação infantil especificamente, de uma formação eficaz no tema da sexualidade, para agirem de forma coerente com cada situação apresentada por cada criança em sala de aula.

Contudo ainda se faz necessário uma ampliação da pesquisa em torno do modo como a psicanálise explica o desenvolvimento da sexualidade infantil nos seus mais variados aspectos, além de uma ampliação da pesquisa empírica, que possa apresentar um maior número de dados a respeito da vivência dos professores em sala de aula com relação aos comportamentos de auto-gratificação sexual das crianças, ligados ao seu processo de eflorescência sexual na fase infantil. É preciso verificar também se há diferenças específicas no modo como se apresentam tais comportamentos e a vida dos professores em relação a eles nas escolas públicas e particulares. Além disso, deve-se pensar se é necessária a criação de equipes interdisciplinares, que possam auxiliar aos professores na compreensão de tais comportamentos e no modo como lidar com eles. É, sobretudo, necessário discutir como é possível construir um protocolo de intervenção pedagógica para lidar com tais casos. Vale salientar que, talvez, o princípio de prazer e

o princípio de realidade, apresentados pela psicanálise como fundamento do desenvolvimento sexual infantil, podem servir de base para a construção de uma intervenção pedagógica ligada à sexualidade infantil. Convém perguntar ainda de que maneira se faz possível envolver os pais nesse processo. Pois é preciso que haja uma interação harmônica entre os pais e os professores, para que esses possam ter conhecimento do contexto familiar e social em que a criança se encontra, a fim de poder conhecer um pouco mais da vida de cada aluno e assim saber como lidar com ele quando surgir qualquer manifestação sexual da criança na escola.

Por tudo isso, vê-se que este trabalho deu apenas os primeiros passos na caracterização do desafio próprio ao acompanhamento dos processos de auto-gratificação e eflorescência sexual na infância. Para a ampliação desta pesquisa é necessário um maior tempo de aprofundamento e estudo. Certamente esta pesquisa poderá ter um maior desdobramento e aprofundamento em nível de pós-graduação em que todos os problemas aqui levantados podem ser enfrentados e resolvidos.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, J. G. (Org.) (1997). **Sexualidade na Escola; alternativas teóricas e Práticas**, 6 ed., São Paulo: Summus Editorial.
- COSTA, E. R.; VENÂNCIO, C. **Investigando a Sexualidade Infantil a partir do Relato de Educadores**, in *Laplage em Revista*, Sorocaba, v.1, n.3, set. – dez. 2015, p. 130-142.
- DELL'AGLIO, D. D.; AINDA, C. L. G. **Uma Experiência de Educação Sexual na Pré-Escola**, in *Paidea*. Revista FFCLRP-USP, Ribeirão Preto, fev./ago. p. 97-110, 1997.
- FREUD, A. (1973). **Psicanálise para Pedagogos**, Lisboa: Livraria Martins Fontes Editora.
- FREUD, S. (1972). **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade**, in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, V. VII. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, p. 123 à 252.
- FREUD, S (2018). **Amor, Sexualidade, Feminilidade**, trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica.
- GAGLIOTTO, G. M. (2014). **A Educação Sexual na Escola e a Pedagogia da Infância**, Jundiaí-RJ: Paco Editorial.
- LOURO, G. L. (Org.) (2016). **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**, 3 ed., Belo Horizonte - MG: Autêntica Editora.
- MAIA, A. C. B.; SPAZIANI, R. B. (2010). **Manifestações da Sexualidade Infantil: percepção de pais e professoras de crianças de 0 a 6 anos**, in *Revista Linhas*. Revista do Programa de Pós Graduação em Educação, Florianópolis, v. 11, n.01, p. 68-84, jan. /jun. 2010.
- MONTAGU, A. (1988) **Tocar: o Significado Humano da Pele**, trad. Maria Silvia Mourão Netto, 9 ed. São Paulo: Summus.

RODRIGUES, C. P.; WECHSLER, A. M. **A Sexualidade no Ambiente Escolar: A visão dos professores de Educação Infantil**, in *Caderno de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro-SP, v.1, n.1, p. 89-104, 2014.